

AGTU – THE GLOBAL UNIVERSITY

FORMAÇÃO DOCENTE E A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

AUTOR: JAIRO BRITO DE LEÃO

RESUMO

A atual pesquisa é resultado de trabalho realizado no ano vigente nas escolas públicas e particulares da cidade de Cametá no Pará com alunos deficientes visuais matriculados no ensino regular. Como principal objetivo temos atingir a compreensão de como vem se dando o processo de Inclusão na Educação Física Escolar dos alunos deficientes visuais incluídos(as) na Educação Básica. A metodologia empregada foi a pesquisa qualitativa amarrada aos princípios filosóficos da fenomenologia. Os resultados apontam que o processo de inclusão em relação à Educação Física escolar tem dificuldade para se concretizar, devido a má preparação e formação docente. As notas junto aos estudantes deficientes visuais também nos mostram a insatisfação dos mesmos com o tratamento que os(as) educadores dispensam, no sentido de participar das atividades físicas esportivas e de lazer realizadas nas escolas pelos docentes que ministram aulas nesse componente curricular. Nossas ponderações são as de que o processo de inclusão na Educação Física escolar deve caminhar a passos lentos, para ocorrer nas escolas.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Educação Física. Formação Docente.

Introdução

O presente estudo é resultado de uma pesquisa em 2023 nas escolas da rede básica da cidade de Cametá/PA com discentes deficientes visuais matriculados no ensino regular. Dessa forma, será abordado neste artigo determinados pontos que refletem sobre a capacitação/ qualificação profissional, em especial a formação dos discentes da Educação Física Escolar.

No decorrer do meu convívio escolar, fui levado a pensar que a Educação é o caminho para que nos tornemos cidadãos conscientes. A educação liberta e humaniza n que diz respeito a inclusão, ignorar o outro, o desigual, o alheio, enfim, aquele que se difere do padrão, é inaceitável.

Sendo assim, Santos e Paulino (2008) fazem a seguinte ponderação:

Acreditamos que está na educação, sem dúvida, a principal ferramenta para a transformação social verdadeira que tanto almejamos. Nos dias de hoje as desigualdades sociais e o desrespeito às diferenças são banalizados em nosso cotidiano, e a escola, sem dúvida, reflete e reproduz estas relações. (p.11).

No mundo atual, interligado por rede de informação, partilho do pensamento que um dos pontos basais da Educação nos sistemas inclusivos é dar garantia dos direitos, acesso, sucesso e constância de todos os estudantes com deficiências no ensino regular.

É fácil entender que nos cursos de formação de professores existe uma carência de conteúdos, assim como habilitações que permitam contribuir com os educadores em sua formação. Dessa forma, quando estes recém habilitados deixam as universidades e

entram na Educação Básica, se depararão no ensino regular com uma realidade que está muito presente: o processo de inclusão escolar.

Tendo em vista exceder essas brechas nos cursos de formação para a Educação Básica, o conjunto de alterações propostas pelo Parecer CNE/CP 009/2001 (BRASIL, 2001) configuraram-se de basal importância na medida que "estabeleceu-se a preocupação com a profissão docente e a garantia de que novas modificações precisarão ser feitas para legitimar essa área da docência" (BENITES e col., 2008, p.351).

Referindo-me ao Brasil, é urgente que haja um curso de formação que prepare profissionais de Educação Física para exercerem atuação na Educação Básica com indivíduos deficientes contestando determinações do Parecer CNE/CP 009/01 (BRASIL, 2001). Por sua vez, dificilmente nas licenciaturas veremos programas que orientem, deem qualificação e habilitem professores no enfrentamento dessa realidade educacional.

Anverso a esse problema é admissível aferir que na Educação Física escolar, estão presentes as descrições da segregação, exclusão e marginalização social.

almejar escola no novo milênio, é almejar nas múltiplas probabilidades que esta oferta aos alunos. Para tanto, é dever da escola dar valor as diferenças, a singularidade, enfim, aceitar a diversidade na pluralidade e ter respeito aos princípios conforme destaca Barroso (2006):

Para isso, é importante atentar que a escola enquanto organização constitui uma realidade complexa, dividida entre múltiplas atividades sociais de que se destacam: a educação, a instrução, a formação, a animação, a guarda, a alimentação, o lazer, o apoio social, o convívio intra e intergeracional, a ação comunitária etc. (p.290)

A elevação de uma escola inclusiva, especialmente ao nos aludirmos à cultura, ao esporte e ao lazer, se dá com estrutura educacional apropriada, sem empecilhos atitudinais, sociais, arquitetônicas que possibilitem impedir o acesso dos deficientes ao espaço escolar.

Objetivo

Entender como vem se desenhando o método de Inclusão na Educação Física Escolar dos discentes com deficiência de inclusão na Educação Física escolar dos Deficientes Visuais no ensino regular.

Método

A pesquisa utilizou-se da metodologia qualitativa que, de acordo com Negrine (2004), significa:

A base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Isso significa que nas pesquisas de corte qualitativo não há preocupação em generalizar os achados (p.61).

Diante das alternativas metodológicas qualitativas procurei, na fenomenologia, inspiração e fundamentação. Husserl (1975) fala que a fenomenologia procura obter um entendimento, de uma consciência de alguma coisa e então não estabelece critérios de verdade e/ou falsidade em frente as proposições dos contribuintes. A verdade aqui respeitada é a verdade do ser, é o fazer-se manifesto. A realidade advém da relação que há entre o compreendido e o comunicado.

Procedimentos Metodológicos

A princípio foi-se à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, buscar as coordenadorias dessas instituições com a finalidade de encontrar as instituições de ensino que possuíam matrículas de discentes deficientes visuais que frequentam o ensino regular.

destaco que dois desses discentes são de escola pública estadual, dois de escola pública municipal e dois de escola particular, destes somente uma discente do sexo feminino e maior de idade.

Portando estes dados realizei aproximação inicial com as escolas que abrigam estudantes deficientes visuais, que aceitaram a realização desta inserção.

Foram realizados, notas em sala de aula junto aos seis discentes com deficiência visual matriculados no ensino regular, fundamental e médio, registrando ordenadamente em observações de campo as minhas percepções acerca desta convivência.

As entrevistas foram feitas com a finalidade de ter mais conhecimento e entendimento do que foi observado nas escolas e o que os discentes deficientes visuais notam acerca da convivência escolar na Educação Física com seus(as) docentes no ensino regular.

As entrevistas foram feitas de forma individual e registradas, frente as seguintes questões norteadoras:

- Como é o seu cotidiano na sala de aula e na escola como um todo?
- Como é sua relação de convivência com os(as) docentes do componente curricular Educação Física Escolar?
- Você realiza alguma atividade física escolar?
- Você se sente incluído nas aulas de Educação Física Escolar? Comente.

Resultados e Discussões

Nas observações como pesquisador, foi possível notar que o processo de Inclusão ainda vem se efetivando de forma parcial, pois notei a precisão de formação professores graduados para a Educação Básica.

De acordo com alguns relatos e discentes deficientes visuais não estão sendo incluídos nas atividades físicas esportivas e de lazer planejadas pelos professores. O processo de Inclusão Escolar dos alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física é difícil porque os educadores declararam não estarem prontos para promover a inclusão destes nos exercícios. A professora de Educação Física Escolar admitiu que "a inclusão não vem ocorrendo porque a estrutura da escola não permite e também porque os educadores não estão preparados e qualificados para exercer esta função".

No que tange a escola, concordo com a docente de que esta não esta adequada ao processo de inclusão seria relevante que, pelo menos, o sistema educacional pudesse adaptá-la, no sentido de possibilitar que as pessoas deficientes pudessem participar das

atividades físicas, esportivas e de lazer desenvolvidas pelos(as) docentes do componente curricular de Educação Física.

Em minhas observações, assim como na ocasião em que as entrevistas foram realizadas, um dos discentes, deficiente visual regularmente matriculado em uma escola pública do município, relatou que:

Na aula de educação física é o seguinte, a professora, ela assim, ela passa jogos de basquete, vôlei, futebol e os estudantes não podem dar atenção só pra mim, eles têm que fazer as aulas todas, porque o problema é que é uma aula só também de educação física dois dias, quinta a 1ª aula e de sexta a 5ª aula, então isso já dificulta muito pra mim, mas eu gosto sim, eu gosto de ir pra quadra ouvir, né? Eles jogando, escutar, eu gosto, né? Isso é bom pra mim.

Frente ao que foi relatado, fica evidente que a prática de alguns educadores da Educação Física escolar, não toa com a metodologia de inclusão.

Mediante essa duvidosa formação docente nos cursos de graduação e licenciatura, é relevante abranger aqui também os docentes da área de Educação Física, uma vez que asseguram que, ao receber em sala de aula discentes deficientes visuais, necessitam estar preparados, qualificados e habilitados para desempenhar esta função.

A inclusão vem trazendo certos conflitos entre gestores, administradores e educadores que atuam na Educação Básica. Nos cursos de licenciatura, o fala cíclica é o da precária formação, especialmente, referindo-se à formação de educadores para atuarem no Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Sendo assim, o artifício de inclusão no ensino regular, em específico quando se refere aos cursos de formação de professores com atuação na Educação Básica, dar ares de não se preocupar com a qualidade de ensino dos discentes.

Frente ao explanado pelos educadores atuantes na Educação Básica, as melhorias acerca da formação recebem maior destaque após depois de ser publicado o Parecer CNE/CP 009/2001 (BRASIL, 2001) que tem como prioridade determinados pontos que cooperam para melhorar a atuação desses

Pensando na escola, estruturalmente funcional, e no desenho de seus componentes curriculares, podemos notar que o processo de inclusão seria mais flexível, uma vez que a educação do diferente precisa estar cercada por diversas ações pedagógicas diferenciadas.

É certo que a Educação Física, chama atenção de todos, até mesmo das pessoas com deficiências. O contexto de que os educadores da Educação Física têm atitudes mais prosaicas junto aos discentes parece errada.

Tal atitude deve partir de todos dentro do sistema educacional, até porque a escola não é formada apenas por educadores da Educação Física, e sim, também por um conjunto de professores e demais partes que pensam, agem e refletem sobre é a melhor maneira de incluir sem exclusão e marginalização.

Considerações

Este artigo teve a intenção de analisar a prática social da convivência escolar entre discentes com deficiência visual e seus educadores, especialmente referindo-se ao componente curricular de Educação Física Escolar. Dessa forma, foi observado nos docentes aspectos como:

- Sua formação inicial e continuada;
- Suas características no que diz respeito às atitudes frente às diferenças entre seus alunos;
- Como reage às dificuldades dos alunos;
- Se acredita, firmemente, que todos os alunos são capazes de aprender, bem como que há aqueles que aprendem por motivação própria e descompassada do coletivo.

Olhando as propostas que contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001), nota-se brechas acerca da formação profissional para atuação em distintas fases de formação dos nossos alunos.

É preciso destacar neste estudo que para que a inclusão aconteça é indispensável que os professores se preparem, se qualifiquem e se habilitem para que na escola a inclusão do dessemelhante não seja vista como uma barreira ao ensino.

As experiências adquiridas de antemão pelos educadores, os saberes diários e a formação geral são necessárias para seu desempenho na educação básica. Se referindo à educação dos indivíduos com precisões educacionais especiais é importante salientar que a formação em serviços compõe-se num feitiço essencial aos docentes que atuam com o diferente. O que avigora a questão de que é necessário um investimento na formação docente, especialmente quando se trata de educação dos alunos com deficiências no ensino regular.

Partilho do ponto de vista de que o processo de Inclusão Escolar deve se dar em todo o sistema de ensino. Estar amarrado a todos nós para que a Educação seja legitimamente inclusiva.

Foi possível observar Nas aulas de Educação Física que a ausência de formação dos professores no processo de inclusão de pessoas com deficiência visual acaba por levá-los a extremos: ou colocá-las em segundo plano, evitando a participação concreta na aula; ou abdicando do trabalho com elas. Neste sentido, González (2007) ressalta que:

As adaptações curriculares individualizadas devem reunir uma série de requisitos para poder atender adequadamente as necessidades educacionais especiais de cada aluno e evitar que ocorram situações de isolamento e marginalização como consequência de uma má aplicação do princípio de individualização (p. 31).

ênfaze que a dificuldade da inclusão nas escolas não é exclusividade de alunos com deficiência visual, uma vez que o mesmo busca confirmar suas capacidades e dar indicativos para o progresso do processo de Inclusão. Não se pode por a culpa nos discentes pela falta de sucesso na escola; eles são resultado de um sistema gestor que no decorrer de séculos foi excludente, seletivo, conservador e marginalizador.

A dificuldade da Inclusão está, além das condições de trabalho docente, pode estar também na falta de disponibilidade de parte dos mesos em receber alterações, em respeitar

o diferente, em incluir o deficiente, até mesmo quando estes estão afastados das atividades físicas esportivas.

Assim, pondero que para ter um avanço e consolidação da Inclusão é basal que as instâncias de poder, os sistemas de ensino, as escolas, os professores e a coletividade de modo geral movimentem-se, tenham sensibilidade, esqueçam os preconceitos e estereótipos, tomando a educação do deficiente e de todos na multiplicidade e na diversidade

Resumindo, admito com Santos (1995) que todos e todas "queremos ser iguais quando as diferenças nos inferiorizam, porém queremos ser diferentes quando as igualdades nos descaracterizam".

Referencias

- BARROSO, J. Incluir sim, mas onde? Para uma reconceituação sóciocomunitária da escola pública. In: Rodrigues, D. (Org.). **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus Editorial, 2006.
- BENITES, L. C.; SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 02, agosto de 2008 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022008000200009> . Acesso em 03 set. 2009.
- BRASIL. Parecer CNE/CP 009/2001 de 8 de maio de 2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores de educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena** Documento nº. 476, pp. 01-70, 2001.
- CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. 4 ed. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido** 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GONZALEZ, E. A Educação Especial: conceito e dados históricos. In: GONZALES, E. (Org.). **Necessidades educacionais específicas** Porto Alegre: ARTMED, 2007.
- HUSSERL, E. **Ideas: general introduction to pure phenomenology**. Londres: Collier Macmillan Publisheres, 1975.
- LARROSA BONDÍA, J. **Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência** Tradução de João Wandreley Gerdli. Campinas: UNICAMP, 2002.
- MACHADO, O. V. M. Pesquisa Qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação** São Paulo, Editora UNIMEP, 1994.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Educ/Moraes, 1989.
- MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis**. São Paulo: Cortez, 1992.
- NEGRINE, A. S. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.
- SANTOS, M. P.; PAULINO, M. M. Inclusão em Educação: Uma visão geral. In: Santos, M. P dos.; Paulino, M. M. (orgs.). **Inclusão em Educação: Culturas, Políticas e Práticas**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- VITALINO, C. R. Análise da Necessidade de Preparação Pedagógica de Professores de Cursos de Licenciatura Para Inclusão de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.13, n. 3, Marília, 2007.

